

Temporada de restrição

GUILHERME SOARES
Editor de Cidade

134

E stá aberta a temporada de restrição à liberdade de imprensa nos hospitais da rede oficial. Os diretores das unidades hospitalares, agora, têm mais uma tarefa a lhes pesar sobre os ombros: tentar conduzir os repórteres em sua missão de conhecer e verificar o que acontece lá dentro dos hospitais, tanto no atendimento aos pacientes quanto nas áreas reservadas aos profissionais de saúde.

Exemplo claro dessa limitação foi dado ontem. A repórter Ana Cláudia Barbosa e o fotógrafo Aldori Silva percorreram, pela manhã, as instalações do Hospital Regional da Ceilândia. Foram acompanhados, a maior parte do tempo, pelo diretor Julival Rodrigues e pelo assessor de imprensa da Secretaria de Saúde, Luís Andrade Júnior. Não houve impedimento explícito no trabalho dos jornalistas, mas tentativas de tapar o sol com a peneira, para ser generoso.

Foi o caso da falta de medicamentos. Desde o início da visita, o diretor e o assessor várias vezes juraram, de pés juntos, que o hospital não tem esse problema. Quando a repórter pôde conversar a sós com os médicos, entretanto, a reclamação foi unânime: faltam medicamentos. Aliás, a conversa reservada com mé-

dicos só foi possível porque o diretor e o assessor tiveram que se afastar dos jornalistas por alguns instantes.

Outra cena da visita de ontem. Quatro mulheres reunidas, em pé, na enfermaria da obstetrícia. Quando a comitiva (vamos chamar assim) passa, o diretor explica que ali está tudo bem. A repórter, então, dá meia volta e resolve conferir. As quatro pacientes tinham dado à luz de madrugada e estavam, até aquela hora (10h30), à espera de leitos.

Mais uma cena. Qualquer fotografia a ser registrada por Aldori Silva era questionada pelo diretor. Qualquer foto, répito.

Tudo isso me lembra o que aconteceu com Mário Eugênio, há mais de dois anos. O então secretário de Segurança, Lauro Rieth, decidiu cercar os passos do repórter nas delegacias. Proibiu o acesso livre e direto aos delegados e policiais. Impediu a leitura dos livros de ocorrências. Mário Eugênio derrubou tudo isso na Justiça. Meses depois, foi derrubado por sete tiros. Rieth é acusado de mandante do assassinato.

Uma lição dessa história deveria ter sido aprendida. A de que é inútil tentar cercar a imprensa para esconder a realidade.